

CATHERINE FISHER

INCARCERON

Tradução de Mário Dias Correia

1

*Quem saberá descrever de Incarceron a imensidão?
Das suas entranhas o negrume, dos seus abismos a profundidade?
Só pode na verdade definir uma prisão
Aquele que algum dia conheceu a liberdade.*

CANÇÕES DE SAPPHIQUE

Finn tinha sido estendido de bruços e acorrentado às lajes de pedra da calçada.

Os braços, abertos, estavam presos por grilhões tão pesados que mal conseguia erguer os pulsos, os tornozelos envoltos num emaranhado de correntes metálicas presas a uma argola de ferro cravada no chão. Esmagado pelo seu próprio peso, quase não conseguia respirar. Estava ali deitado, exausto e imóvel, a cara encostada à pedra fria.

Mas os Cívicos estavam finalmente a chegar.

Sentiu-os antes de os ouvir; vibrações no chão, ao princípio muito débeis, mas que foram crescendo até as sentir nos dentes e nos nervos. Depois, ruídos no escuro, o rolar dos vagões da migração, o clangor metálico lento e cavo dos aros das rodas. Voltou a cabeça com um esforço, sacudiu os cabelos sujos dos olhos e viu como os sulcos paralelos lhe passavam por baixo do corpo. Tinham-no acorrentado de través sobre os trilhos.

O suor humedeceu-lhe a testa. Agarrando os elos gelados com uma mão enluvada, ergueu o peito e inspirou o mais fundo que pôde. O ar era acre e cheirava a óleo.

Não valia a pena gritar, por enquanto. Estavam demasiado longe, só conseguiriam ouvi-lo acima do estrépito das rodas quando estivessem já bem internados na imensa e cavernosa sala. Ia ter de agir no momento

exato. Demasiado tarde, e tornar-se-ia impossível deter os vagões, e ele seria esmagado. Tentou desesperadamente evitar o outro pensamento: era possível que o vissem e ouvissem, mas nem sequer ligassem.

Luzes.

Luzes pequenas, oscilantes, transportadas por mãos. Concentrou-se e contou: nove, onze, doze. Voltou a contá-las para ter um número que fosse firme, que se opusesse à náusea que lhe subia à garganta.

Esfregou a cara contra a manga rasgada, em busca de um pouco de conforto, e pensou em Keiro, no seu sorriso, na última palmadinha sardónica depois de verificar as correntes e antes de voltar a desaparecer na escuridão. Murmurou o nome, um murmúrio amargo: «*Keiro*».

As enormes salas e as galerias invisíveis engoliram o seu murmúrio. Havia uma névoa a pairar no ar metálico. Os vagões ressoavam e gemiam.

Via agora pessoas a avançar com passos arrastados. Emergiam da escuridão, tão agasalhadas por causa do frio que era difícil perceber se eram crianças ou mulheres velhas, de costas vergadas. Provavelmente crianças. Os idosos, se tinham alguns, viajariam nos vagões, com a carga. Uma esfarrapada bandeira branca e preta drapejava no vagão da frente. Finn distinguiu o motivo: uma ave heráldica com um raio prateado no bico.

– Parem! – gritou. – Vejam! Aqui em baixo!

O barulho das engrenagens fazia estremecer o chão. Retinia-lhe nos ossos e nos dentes. Cerrou os punhos e sentiu o peso e o ímpeto dos vagões que avançavam, o cheiro do suor das fileiras cerradas de homens que os empurravam, o entrecocar e o roçar das coisas que continham. Esperou, reprimindo o terror, testando segundo a segundo a sua coragem face à morte, sem respirar, sem se permitir ceder, porque era Finn, O Que Vê as Estrelas, e era capaz de fazer aquilo. Até que, vindo de parte nenhuma, o pânico brotou dele, encharcando-o em suor e fazendo-o soerguer o peito e gritar:

– Ouviram? Parem! *Parem!*

E eles avançavam.

O barulho era insuportável. Agora gritava, esperneava e debatia-se, porque o avanço terrível dos vagões carregados prosseguiria implacável, erguer-se-ia acima dele, escondê-lo-ia na sombra, esmagar-lhe-ia os ossos e o corpo numa lenta e inevitável agonia.

Até que se lembrou da lanterna.

Era pequena, mas ainda a tinha. Keiro certificara-se disso. Arrastando o peso da corrente, rolou sobre um lado e enfiou a mão dentro do casaco, os músculos do pulso a torcerem-se num espasmo. Tocou com os dedos o tubo fino e frio.

As vibrações percorriam-lhe o corpo. Tirou a lanterna do bolso, deixou-a cair e ela rolou para fora do seu alcance. Praguejou, contorceu-se, premiu o botão com a ponta do queixo.

O feixe de luz brilhou.

Arquejou de alívio, mas os vagões continuavam a avançar. De certeza que os Cívicos conseguiam vê-lo. *Tinham* de conseguir vê-lo! A lanterna era uma estrela na imensa e ressoante escuridão da sala, e naquele momento Finn soube que, através de todas as escadas e galerias e milhares de câmaras labirínticas, Incarceron tinha sentido o perigo que ele corria e que o avanço estrepitoso dos vagões era o seu implacável divertimento, que a Prisão o observava e não interferiria.

– *Eu sei que estás a ver-me!* – gritou.

As rodas tinham a altura de um homem. Chiavam nos sulcos; uma chuva de faíscas saltava para as pedras. Uma criança gritou, um som agudo, e Finn gemeu e encolheu-se, sabendo que nada tinha resultado, sabendo que estava acabado, e então ouviu o uivo dos travões, sentiu o guincho arrepiante nos ossos e nos dedos.

As rodas agigantavam-se sobre ele, iam esmagá-lo.

Depois imobilizaram-se.

Não conseguia mexer-se. O seu corpo estava paralisado de terror. O feixe da lanterna não iluminava nada exceto um rebite, grosso como um punho, de um aro de roda sujo de óleo.

Então, do outro lado, uma voz perguntou:

– Como te chamas, Prisioneiro?

Tinham-se juntado na sombra. Conseguiu levantar a cabeça e viu formas, encapuzadas.

– Finn, chamo-me Finn. – A voz saiu-lhe num murmúrio; teve de engolir em seco. – Pensei que não iam parar...

Um resmungo.

– A mim parece-me um Escumalha – disse outra voz.

– Não! Por favor! Por favor, ajudem-me a levantar.

Ninguém disse nada e ninguém se mexeu, de modo que ele inspirou fundo e continuou, tenso:

– Os Escumalhas atacaram a nossa Ala. Mataram o meu pai e deixaram-me aqui assim, para quem passasse. – Tentou aliviar a dor no peito enclavinando os dedos na corrente ferrugenta. – Por favor. Suplico-lhes.

Alguém se aproximou. A biqueira de uma bota deteve-se junto ao olho de Finn; suja, com um buraco remendado.

– Que grupo da Escumalha?

– Os Comitatus. O chefe deles chama-se Jormanric, o Rei da Ala.

O homem cuspiu, perto da orelha de Finn.

– Esse! É um patife louco.

Porque seria que não estava a acontecer nada? Finn contorceu-se, desesperado.

– Por favor! Eles podem voltar!

– Por mim, passamos por cima dele. Porquê interferir?

– Porque somos Cívicos, não Escumalhas.

Para surpresa de Finn, era a voz de uma mulher. Ouviu o roçar das roupas de seda por baixo do áspero casacão de viagem. A mulher ajoelhou-se e Finn viu uma mão enluvada puxar as correntes. O pulso dele estava a sangrar; a ferrugem deixara círculos avermelhados na pele suja.

– Escuta, Maestra... – disse o homem, pouco à vontade.

– Vai buscar uma turquês, Sim. Agora.

O rosto dela estava perto do de Finn.

– Não tenhas medo, Finn, não te vou deixar aqui.

Ele ergueu a cabeça, apesar das dores, viu uma mulher com cerca de vinte anos, cabelos ruivos, olhos escuros. Por um instante fugidio, cheirou-a: sabonete e lã macia, um perfume que foi como uma punhalada e lhe penetrou na memória, na caixa negra e fechada que havia dentro dele. *Uma sala. Uma sala com toros de macieira a arder na lareira. Uma fatia de bolo num prato de porcelana.*

O choque deve ter-lhe transparecido no rosto; ela observou-o de entre as sombras do capuz.

– Estás a salvo conosco.

Finn devolveu-lhe o olhar. Não conseguia respirar.

Um quarto de crianças. Paredes de pedra. As tapeçarias ricas e vermelhas.

Um homem apareceu, apressado, e prendeu um elo da corrente entre as mandíbulas da turquês.

– Cuidado com os olhos – rosnou.

Finn escondeu a cara na manga, a sentir as pessoas juntarem-se à sua volta. Por um instante, pensou que um dos ataques que tanto temia ia dominá-lo; fechou os olhos e sentiu a tontura, o calor familiar percorrer-lhe o corpo. Lutou contra ele, agarrando a corrente enquanto as mandíbulas da grande turquês a cortavam. A recordação estava a desvanecer-se; a sala e o lume na lareira, o bolo com as bolinhas prateadas num prato de rebordo dourado. Desapareceu, por mais que ele se esforçasse por retê-la, e a gelada escuridão de Incarceron voltou, o cheiro ácido e metálico de engrenagens oleadas.

Os elos deslizaram e retiniram. Pôs-se de pé, aliviado, a respirar em fundos haustos. A mulher pegou-lhe no pulso e voltou-o.

– Precisa de ser ligado.

Finn imobilizou-se. Não conseguia mexer-se. Os dedos dela eram frios e limpos, e tinham-lhe tocado a pele, entre a manga esfarrapada e a luva, e ela estava a olhar para a minúscula tatuagem da ave coroada.

Ela franziu a testa.

– Isso não é uma marca dos Cívicos. Parece...

– O quê? – Finn ficou imediatamente alerta. – Parece o quê?

Um ribombar a quilómetros de distância na grande câmara. As correntes que lhe prendiam os pés deslizaram. Inclinado sobre elas, o homem que segurava a turquês hesitou.

– É estranho. Este ferrolho está solto...

A Maestra olhava para a ave.

– Parece o cristal.

Um grito, atrás deles.

– Que cristal? – perguntou Finn.

– Um objeto estranho. Encontrámo-lo.

– E a ave é a mesma? Tens a certeza?

– Sim. – Distraída, ela voltou-se e olhou para o ferrolho. – Não estavas verdadeiramente...

Ele tinha de saber mais. Tinha de mantê-la viva. Agarrou-a e puxou-a para o chão.

– Baixa-te – sussurrou. E então, furiosamente. – *Não compreendes? É uma armadilha!*

Por um momento, os olhos dela fixaram-se nos dele e Finn viu a surpresa transformar-se em horror. A mulher libertou-se da mão dele; com um movimento ágil pôs-se de pé e gritou:

– Fugam! Fugam todos!

Mas as grades do chão estavam a abrir-se; apareceram braços, corpos içaram-se para cima, armas bateram na pedra.

Finn mexeu-se. Empurrou para trás o homem da turquês, abriu com um pontapé o falso ferrolho e libertou-se das correntes. Keiro estava a gritar qualquer coisa; a lâmina de um cutelo silvou-lhe junto à cabeça e ele atirou-se para o chão, rolou sobre si mesmo e olhou para cima.

A sala estava cheia de fumo negro. Os Cívicos gritavam, corriam a procurar refúgio entre as enormes colunas, mas já os Escumalhas estava em cima dos vagões, a disparar indiscriminadamente, os clarões vermelhos das pesadas pistolas de pederneira a tornar o ar acre.

Não a via. Talvez estivesse morta, talvez tivesse fugido. Alguém lhe deu um encontrão e lhe enfiou uma arma na mão; pareceu-lhe que era Lis, mas os Escumalhas usavam todos os seus elmos negros e não pôde ter a certeza.

Então viu a mulher. Estava a empurrar as crianças para debaixo do primeiro vagão; um rapazinho soluçava e ela agarrou-o por um braço e empurrou-o à sua frente. Mas o gás saía com um silvo das pequenas bolas que caíam e rebentavam como ovos, fazendo-o lacrimejar. Tirou o elmo de dentro do casaco e enfiou-o na cabeça, as almofadas empapadas por cima do nariz e da boca a facilitarem-lhe a respiração. Através da viseira, a sala era vermelha, as figuras nítidas.

Ela tinha uma arma e estava a dispará-la.

– Finn!

Era Keiro, mas Finn ignorou-o. Correu para o primeiro vagão, mergulhou debaixo dele e agarrou um braço da Maestra; quando ela se voltou, ele arrancou-lhe a arma da mão com uma palmada e a mulher gritou furiosamente e atacou-lhe a cara com as luvas cobertas de pregos, as puas a rasparem pelo elmo. Enquanto a puxava para fora, as crianças davam-lhe pontapés e tentavam impedi-lo, e uma porção de víveres caiu à volta deles, foi apanhada, levada, desapareceu pelas grades, deslizou eficazmente pelas mangas.

Soou um alarme.

Incarceron agitava-se.

Painéis silenciosos deslizaram para o lado nas paredes; com um estalido, feixes de luz ofuscante varreram a escuridão vindos do teto invisível, correram de um lado para o outro pelo chão distante, apanhando os Escumalhas que dispersavam como ratazanas, projetando sombras enormes.

– Evacuar! – gritou Keiro.

Finn empurrou a mulher à sua frente. Ao lado deles, uma figura que corria foi trespassada pela luz e evaporou-se sem ruído, apanhada em pleno pânico. As crianças uivavam.

A mulher voltou-se, ofegante de choque, olhou para o que restava da sua gente. Então Finn arrastou-a para a manga.

Através da máscara, os olhos dele encontraram os dela.

– Lá para baixo – ordenou ele, arquejando. – Ou morres.

Por uma fração de segundo, quase pensou que ela não ia fazê-lo.

Então a mulher cuspiu-lhe, libertou-se da mão dele e saltou para a manga.

Uma faísca de fogo branco chamuscou as pedras; no mesmo instante, ele saltou atrás dela.

A manga era de seda branca, resistente e esticada. Deslizou por ela a uma velocidade que o despejou no extremo oposto e cima de um monte de peles roubadas e componentes metálicos que o magoaram.

Já puxada para um lado, com uma arma encostada à cabeça, a Maestra olhava-o com escárnio.

Finn pôs-se dolorosamente de pé. À volta deles, os Escumalhas deslizavam para dentro do túnel, carregados com o saque, alguns a cambalear, alguns quase inconscientes. O último a descer, aterrando agilmente de pé, foi Keiro.

As grades fecharam-se com estrondo.

As mangas caíram.

Formas confusas arquejavam e tossiam, puxando pelas máscaras.

Keiro tirou lentamente a sua, revelando o rosto bonito sujo de pó. Finn saltou para ele, furioso.

– Que aconteceu? Entrei em pânico, lá em cima! Porque demoraram tanto?

Keiro sorriu.

– Acalma-te. O Aklo não conseguia pôr o gás a funcionar. Mas tu entretiveste-os bem. – Olhou para a mulher. – Para quê tanto trabalho?

Finn encolheu os ombros, ainda a ferver.

– É uma refém.

Keiro arqueou uma sobrancelha.

– Demasiados problemas.

Fez um gesto de cabeça ao homem que empunhava a arma; o homem puxou o cão para trás. O rosto da Maestra estava muito pálido.

– Quer então dizer que não ganho nada por ter arriscado a vida lá em cima?

A voz de Finn soou muito calma. Não se mexeu, mas Keiro olhou para ele. Por um momento, ficaram a olhar um para o outro. E então Keiro disse, friamente:

– Se é ela que queres.

– É ela que quero.

Keiro voltou a olhar para a mulher e encolheu os ombros.

– Há gostos para tudo.

Fez um aceno de cabeça e o homem baixou a arma. Deu uma palmada nas costas de Finn, levantando-lhe das roupas uma nuvem de pó.

– Bom trabalho, irmão – disse.